

Saudação por ocasião do cinquentenário da criação do curso de graduação de hebraico

Fui, por longos anos, docente do curso de hebraico da Universidade de São Paulo. Todavia, além disto, fui também aluna do referido curso; mais ainda, sou remanescente da primeira turma que se graduou em hebraico nesta casa; restamos dois dos três que se formaram, dentre os diversos que iniciaram o curso em 1964, que não era a primeira turma que realizou vestibular, pois o primeiro foi realizado em 1963 e aqui estão presentes algumas das colegas que começaram o curso então e se formaram posteriormente, Ruth Spiewak e Frida Spiewak. De nossa turma, perdemos a colega Isabel Sampaio Wilken, a Irmã Batista, uma freira da Ordem de Sion. A indicação de sua memória aqui é para apontar que, desde o início, a área atraiu interessados de todos os campos. Colou grau junto comigo, em 1967, meu irmão Nelson.

O curso foi criado em 1963, junto ao Departamento de História da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade. Depois vinculou-se à área de Letras e, por fim, hoje é do Departamento de Letras Orientais. Também a Faculdade se desdobrou e mudou de denominação, agora é Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

O curso foi criado pelo Rabino Prof. Dr. Fritz Pinkuss, meu primeiro mestre aqui, ao qual dedicarei inicialmente algumas das minhas palavras.

“Formem muitos discípulos” foi um dos lemas que guiaram a profícua atuação do Rabino Prof. Dr. Fritz Pinkuss, a quem se deve a criação do curso universitário de hebraico aqui na Universidade de São Paulo, mas que já lecionava a língua e sua cultura como curso livre na Universidade desde 1946, dez anos após a sua chegada ao Brasil. Perseverança e empenho em atingir o propósito de estabelecer discípulos, tanto no campo rabínico, como no acadêmico, foram a marca distintiva desta destacada personalidade

Desde o início, assim como os demais cursos da área de estudos orientais, o curso de hebraico contou com o apoio do Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, do Departamento de História, que, ciente da necessidade de

estabelecer estes campos de estudo na universidade, empenhou-se pela sua regularização.

A formação do Rabino Professor Pinkuss centrou-se em uma linha do judaísmo conhecida como *Wissenschaft des Judentums*, a Ciência do Judaísmo, que foi transportada para a sua comunidade. De forma um tanto diversa do seu desenvolvimento nas comunidades religiosas, a introdução dos conceitos da Ciência do Judaísmo, nas dimensões em que isto foi possível, foi a principal marca do curso universitário de hebraico em seus primórdios.

"Ciência do Judaísmo". Foi o nome dado ao estudo crítico da história e cultura judaica que se desenvolveu entre os judeus do mundo de língua alemã no século 19. Com o advento da Emancipação, os judeus começaram a sentir-se em casa nos estudos seculares. Até então, o passado judeu tinha sido conhecido apenas através da exegese não crítica de textos sagrados. O que se sentia, então, era que o estudo científico do passado judaico seria capaz de colocar a cultura judaica em pé de igualdade com a do ambiente alemão, e o estudo intensivo iria revelar a riqueza do passado judaico, algo que serviria para restaurar o orgulho dos judeus pelo seu legado e ampliar sua posição aos olhos do mundo gentio. Os estudiosos da *Wissenschaft* procuraram se dedicar ao estudo puro, desvinculado dos sentimentos subjetivos despertados pelo seu conteúdo. Seu objetivo era compreender o Judaísmo em seu mais amplo contexto e determinar o seu lugar na evolução cultural humana e colocar a cultura judaica em pé de igualdade com a cultura ocidental europeia, como evidenciado nas idéias de *Bildung*, de Goethe. Isto envolveu uma libertação de concepções teológicas prévias, tanto judaica como cristã. A Igreja tinha negado a criatividade pós-bíblica judaica, e isto foi o que a *Wissenschaft* procurou reabilitar. A sua determinação em alcançar total objetividade levou a uma ruptura aberta com o passado. O viés racionalista dos estudiosos da *Wissenschaft* restringiu-os ao estudo dos aspectos racionalistas da religião.

Dois nomes eram destaque das aulas do Dr. Pinkuss. Um deles, Ismar Elbogen, foi um dos principais contribuintes para os estudos da história judaica, literatura e exegese bíblica. Refletindo a mudança no foco da *Wissenschaft des Judentums* na primeira metade do século 20, Elbogen incentivou o estudo de

novos subcampos como arte judaica, música e sociologia. Sua principal obra, considerada até hoje de primeira linha, foi a que tratou da composição de toda a liturgia judaica, sob os mais variados aspectos. Elbogen foi uma das forças inspiradoras e espírito condutor de centenas de discípulos que estudaram na Alemanha e na Itália e, nos poucos últimos anos de sua vida, nos Estados Unidos. Sua força nos estudos acadêmicos não foi menor.

Não menos atenção era dada ao segundo nome que refletia o pensamento do Dr. Pinkuss, o do filósofo e teólogo Søren Aabye Kierkegaard. Grande parte de sua obra versa sobre as questões relativas a como cada pessoa deve viver, focando sobre a prioridade da realidade humana concreta em relação ao pensamento abstrato, dando ênfase à importância da escolha e o compromisso pessoal. Cruzando as fronteiras da filosofia, teologia, psicologia e literatura, tornou-se uma figura de grande influência para o pensamento contemporâneo. Tenho certeza de que um dos ditos de Kierkegaard serviu de lema ao Dr. Pinkuss – “Acima de tudo, não perca seu desejo de prosseguir”. E posso afirmar que este legado foi devidamente transmitido aos colegas e aos alunos.

A partir de 1966, o curso passou a contar com a colaboração da Profa. Dra. Rifka Berezin, a quem se deve o grande impulso dado para o estudo da língua hebraica, sua gramática e da literatura hebraica. Foi apenas natural que o espaço de pensamento inicial, baseado na Alemanha, passasse a ser compartilhado com o enfoque israelense trazido pela Profa. Rifka, - enfoque israelense desenvolvido a partir do pensamento do leste europeu – enfoque ao qual ela imprimiu a sua marca pessoal, baseada inicialmente na obra do historiador e professor de literatura Yossef Klausner, e ampliada rapidamente com os novos nomes da literatura israelense com os quais se passou a ter contato. Língua e literatura são o campo de atuação de mais de metade do corpo docente que compõe o curso atualmente, se englobamos as professoras sêniores.

Com a transferência do curso de hebraico do Departamento de História para a área de Letras, estabeleceu-se uma restrição ao ensino de matérias que não eram propriamente de línguas e literaturas que se acresceram ao curso. No final da década de 60 foi criado o Centro de Estudos Judaicos,

complementar ao curso de hebraico. Alinharam-se então ao Prof. Pinkuss outros professores que entenderam que o interesse sobre os diversos campos do saber judaico, já despertado entre os alunos, deveria ter continuidade, com cursos de filosofia e sociologia judaicas, cultura judaica medieval, sobre cristãos novos, etc.. Foi a concretização dos chamados “Estudos Judaicos” promovidos pelo Centro de Estudos Judaicos. Eu não saberia enumerar a grande diversidade ou a grande quantidade de cursos, conferências, palestras e outras atividades oferecidas desde então. Parece-me que não há campo do saber judaico que não tenha sido abordado, inclusive, é óbvio, o que é referente ao Brasil.

Só para lembrar uma personalidade muito querida, Moacyr Scliar, de abençoada memória, contribuiu com suas encantadoras palestras sobre literatura judaica no Brasil desde o final da década de 70. De onde vieram e vêm os palestrantes? De toda parte daqui ou de fora, muitos deles ex-alunos. Assim também os alunos, espalharam-se por toda parte, no Brasil e fora, ligados a muitos ramos de atividade.

Naqueles anos iniciais do Centro de Estudos começou a produção de materiais didáticos próprios para ensino de língua e literatura, praticamente inexistentes até então, a tradução e publicação de importantes obras, além do dicionário hebraico-português de Rifka Berezin, desenvolvimento da biblioteca, encaminhamento de jovens professores para treinamento no exterior.

A sequência natural deu-se no final da década de 80, mais exatamente em 1989, quando, ainda com apoio do Prof. Pinkuss, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica, com o Mestrado reconhecido pela CAPES em 1989 e o Doutorado, em 1996. Por parte da diretoria da Faculdade, foi inestimável o apoio dos seus diretores, Prof. João Alexandre Barbosa e Prof. Adilson Avansi de Abreu. Seguiram-se outras áreas de pós-graduação no Departamento de Letras Orientais, acompanhando cursos que já tinham se desenvolvido no nível de graduação. Recentemente as áreas de hebraico e de árabe juntaram-se em um único programa, que é o Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e em Estudos Árabes.

O que estou resumindo aqui em duas palavras e que parece algo simples, foi, na realidade, uma trilha bastante pedregosa a ser vencida dentro da Universidade. Nem sempre houve espaço suficiente para trabalhar. Nos primórdios, na rua Maria Antonia, tivemos, por algum tempo, aula numa sala precariamente instalada sob um vão de escada. Por diversas vezes nos confrontamos com posturas negativas em relação aos cursos de letras/culturas orientais, dentro e fora da Universidade. Acredito que o resultado das diversas batalhas foi positivo para nós. Relato ainda sobre a área de pós-graduação de hebraico: mais de 120 dissertações e teses concluídas e defendidas, projetos de pós-doutoramento concluídos, desenvolvimento de projetos pessoais ou de grupos com apoio de órgãos de fomento, publicação de dois periódicos, sendo um deles dedicado aos trabalhos de mestrandos e doutorandos, diversos livros e dezenas de artigos publicados, frutos de pesquisas locais, realização de eventos e encontros acadêmicos nacionais e internacionais, convênios internacionais que possibilitam o desenvolvimento de atividades conjuntas, com intercâmbios de docentes e alunos, participação de docentes e discentes em eventos acadêmicos de outras áreas e fora da Universidade de São Paulo, vinculação a associações de pesquisa nacionais e internacionais.

É muito auspicioso que esta homenagem aos 50 anos do curso de graduação de hebraico desta Faculdade esteja ocorrendo hoje – 27 de novembro -, na véspera da celebração da festa judaica de *Chanuká*, a festa das luzes, uma festa originalmente de caráter religioso e militar do povo hebreu. Há aproximadamente 2.200 anos o governante grego-sírio Antíoco IV tentou impor a cultura grega sobre os povos em todos os territórios por ele dominados. Isto aconteceu no ano 165 antes da Contagem Comum. O grupo rebelde conhecido como os macabeus conseguiu recuperar o Templo Sagrado de Jerusalém que tinha sido profanado. Para reinaugurá-lo – a palavra *Chanuká* significa inauguração ou dedicação – era preciso limpar o Templo e acender a lamparina sagrada. Não havia óleo em quantidade suficiente para isto, mas, miraculosamente, o pouco óleo encontrado manteve a lamparina acesa por oito dias até que uma nova porção fosse devidamente preparada.

Um dos temas mais importantes de *Chanuká* é a luta pela liberdade diante da opressão. Por este motivo uma identidade forte e a luta para expressá-la tornaram-se centrais no que diz respeito ao conceito principal desta celebração.

No presente, *Chanuká* representa aspirações de liberdade. Mesmo refletindo aspirações universais, o símbolo da festa, a *chanukiá*, o candelabro de 9 braços, continua sendo um símbolo particular de identidade e orgulho judaico. Representa também a missão de cada um de iluminar as almas e corações.

Um grande rabino certa vez disse “Não se pode expulsar a escuridão com uma vara, é preciso acender a luz.” O modo de eliminar a escuridão, de livrar o mundo da ignorância, negatividade, ódio e ganância é acender as luzes do conhecimento, da generosidade, da esperança e do amor.

A *chanukiá* é acesa junto a uma janela, ou nas ruas, de modo a que possa ser avistada. Isto nos ensina que não é suficiente trazer a luz para dentro de nosso próprio domínio privado. Devemos espalhar a luz e o calor do ensinamento para outros ambientes também, tanto quanto a nossa influência nos permita.

Em cada uma das oito noites da festa acrescentamos mais uma luz ao candelabro, até que todas as oito estejam brilhando. Devemos crescer com esta luz que se amplia. A cada vela que é acesa, aprofundamos o nosso compromisso com os nossos valores e tradições. Se conseguimos, desde a criação do curso de hebraico, crescer com esta luz e difundi-la entre todos que estão dispostos a fazer uso do conhecimento e do saber para o engrandecimento próprio e o desta nação, podemos dizer que cumprimos o nosso propósito. São nossos votos de que assim se dê para sempre.

Nancy Rozenchan – USP